

Gazeta dos Caminhos de Ferro

COMÉRCIO E TRANSPORTES — ECONOMIA E FINANÇAS — ELECTRICIDADE E TELEFONIA — OBRAS PÚBLICAS
— NAVEGAÇÃO E AVIAÇÃO — AGRICULTURA E MINAS — ENGENHARIA — INDÚSTRIA E TURISMO

Fundada em 1888 por L. DE MENDONÇA E COSTA

Director, Editor e Proprietário: CARLOS D'ORNELLAS

Redacção, Administração e Oficinas: Rua da Horta Sêca, 7, 1.º — LISBOA — Telefone: P BX 20158; Direcção: 27520

Premiada nas Exposições: GRANDE DIPLOMA DE HONRA: Lisboa, 1898. — MEDALHAS DE PRATA: Bruxelas, 1897; Pôrto, 1897 e 1934; Liège, 1906; Rio de Janeiro, 1908. — MEDALHAS DE BRONZE: Antuérpia, 1894; S. Luiz, (Estados Unidos), 1904

Delegado no Pôrto: ALBERTO MOUTINHO, Avenida dos Aliados, 54 — Telefone 893
Delegado em Espanha: JUAN B. CABRERA, Apartado 4069, Madrid

1411



1 — OUTUBRO — 1946



ANO LVIII

Número avulso: Esc. 5\$00. Assinaturas: Portugal (semestre) 30\$00
África (ano) 72\$00. EMPREGADOS FERROVIÁRIOS (trimestre) 10\$00
Números atrasados 7\$50 — Números Especiais (avulso) 25\$00

GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO

CONSELHO DIRECTIVO :

General RAÚL ESTEVEZ
Coronel ALEXANDRE LOPES GALVÃO
Engenheiro RAÚL DA COSTA COUVREUR
Engenheiro AUGUSTO CANCELA DE ABREU
Engenheiro LUIZ FERNANDO DE SOUZA

DIRECTOR-GERENTE :

CARLOS D'ORNELLAS

SECRETÁRIOS DA REDACÇÃO :

Engenheiro ARMANDO FERREIRA
ÁLVARO PORTELA

REDACÇÃO :

ALEXANDRE SETTAS
REBELO DE BETTENCOURT
Professor JOSÉ F. RODRIGUES

COLABORADORES :

General JOÃO DE ALMEIDA
Coronel de Engenharia CARLOS ROMA MACHADO
Engenheiro CARLOS MANITTO TORRES
Coronel de Engenharia ABEL URBANO
Major de Engenharia MÁRIO COSTA
Engenheiro D. GABRIEL URIGUEN
Capitão de Engenharia JAIME GALO
Major HUMBERTO CRUZ
JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR
ANTÓNIO MONTEZ
Engenheiro ADALBERTO FERREIRA PINTO
Dr. MANUEL MÚRIAS
RAÚL ESTEVEZ DOS SANTOS
CARLOS BIVAR



COLABORADORES ARTÍSTICOS :

STUART DE CARVALHAIOS
ILBERINO DOS SANTOS

S U M Á R I O

Exposição Internacional de Madrid, em 1954, por <i>Rebelo de Bettencourt</i>	667
A arborização do país e o problema rural	669
Relatório da Direcção Geral dos Caminhos de Ferro.	670
Recordações de Viagem, Moledo do Minho, pelo <i>Dr. Busquets de Aguilar</i>	671
Quer saber? Tome, pois, conhecimento de..., por <i>Alexandre F. Settas</i>	673
Alvaro Figueiredo de Almeida	674
Imprensa	674
Há 50 anos	674
O Caminho de Ferro do Montijo a Alcochete	674
Recortes sem comentários	675
Publicações recebidas.	677
Espectáculos	677
Parte Oficial	678

Exposição Internacional

de Madrid, em 1954

NUMA das últimas correspondências de Madrid para a *Gazeta dos Caminhos de Ferro* lemos a notícia de que, por iniciativa do governo espanhol, vai realizar-se na grande capital do país vizinho, no ano de 1954, uma grande Exposição Internacional, nas mesmas bases em que, noutras países, se têm levado a efeito exposições de idêntica finalidade e projeção.

A notícia acrescenta que a futura Exposição será construída na «Casa do Campo», extenso parque criado por Filipe II para formar o parque real, cuja área se alarga por 15 milhões de metros quadrados. Um milhão de árvores torna o local extraordinariamente aprazível.

É uma notícia verdadeiramente sensacional, digna do nosso mais alto e entusiasmado interesse. Ignoramos ainda o plano e as condições em que se vai realizar a referida Exposição Internacional, todavia já sabemos intuitivamente que Portugal, nação peninsular e irmã, não pode deixar de estar presente ali, num lugar de honra.

Portugal não há-de faltar, não pode faltar à grande Exposição Internacional de Madrid, onde hão-de comparecer numerosas nações europeias e das duas Américas. E porque não podemos faltar? Porque não somos apenas vizinhos da Espanha, por esta providencial posição geográfica que nos deu, para a nossa formação, os alicerces da mesma e gloriosa península; porque somos, além de vizinhos, também irmãos, e se não absolutamente irmãos, pelo menos primos em primeiro, em indiscutível grau. Irmãs, mas não iguais, são as línguas que

falamos, do lado de cá, que é a pátria doce de Camões, e da banda de lá, que é o país ardente de D. Miguel Cervantes de Saavedra. De tal modo somos irmãos, de tal maneira foram, por vezes, idênticos os destinos das duas pátrias, de tal modo são semelhantes as raízes e a vibração do nosso lirismo, que os «Lusíadas» não são exclusivamente nossos, são também glória e pertença de toda a Península heroica e navegadora pelas viagens de descobrimento que celebram e, por sua vez, o «D. Quixote» não é apenas um romance de cavalaria mas também o poema que define e imortaliza o nosso idealismo, o idealismo dum e outro povos.

Portugal não deixará de marcar a sua presença ilustre na próxima Exposição Internacional de Madrid. Cremos mesmo que deve ser — a bôa política assim o há-de exigir — a primeira nação a receber convite do governo de Espanha. Apenas como nação amiga e irmã? Também como elemento que, nos anos terríveis da última grande guerra, constituiu com a Espanha à grande, a providencial zona de paz da Europa, mediterrânea e atlântica.

Nunca foram tão sinceras, tão amistosas, tão compreensivas, tão cheias de curiosidade mútua, como o são agora, as relações entre Portugal e Espanha. As «Feiras do Livro», realizadas em Madrid, Lisboa e Barcelona, vieram dar-nos a certeza consoladora de que, sob o ponto de vista cultural, os dois países se entendem e estimam. Em breve, talvez dentro dum ano ou pouco mais, Portugal enviará a Madrid, numa centena de telas, os seus mais nobres e representativos pintores, para pagar, assim,

a visita magnífica, inolvidável, constituída pela exposição de pintura espanhola realizada, há pouco mais de três anos, na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa. Caminha-se, não há dúvida, para um mais perfeito, mais sólido entendimento. Desfazem-se e esquecem-se, se é que já não estão totalmente desfeitos e esquecidos, antigos e irritantes preconceitos, que só nos prejudicavam e afastavam. Na Exposição Internacional de 1945, estamos certos disso, Espanha e Portugal hão-de fazer também lembrar a todo o mundo culto que foram as duas nações que abriram as portas a um novo período da civilização humana, com as suas navegações marítimas, e que criaram, dando-lhes a língua, o sangue e personalidade própria, algumas das mais ricas, das mais prósperas, das mais poderosas nações modernas.

Portugal, mais uma vez, com a representação que terá na futura Exposição Internacional, vai também mostrar e evidenciar mais uma vez que não é um país de limitadas dimensões, que a chamada «Pequena Casa Lusitana» é, afinal, um grande Império e que apesar de ser uma das nações mais antigas da Europa, é um país sempre novo e actual. De facto, quem com consciência poderá afirmar que ficamos parados na contemplação estática das caravelas e das façanhas de antanho; quem poderá dizer igualmente que, sob o ponto de vista mental, não avançámos para além de Camões, se em pleno século XX, com Sacadura Cabral e Gago Coutinho, fizemos a primeira viagem aérea da travessia do Atlântico, não sob o aspecto de aventura heroica, mas já com rigoroso carácter científico; se demos ao mundo um poeta de índole universalista, que é Antero de Quental; um escultor de génio, que é Soares dos Reis; um romancista como Eça de Queirós; um pintor como Columbano; se, finalmente, depois de termos construído, em bases sólidas, indestrutíveis, a grande nação brasileira, esta-

mas a desenvolver, permitindo-lhes todas as possibilidades, todas as nossas colónias, todas as parcelas do nosso vasto Império? A pregunta, reparamos agora, foi, talvez, demasiado longa, mas, em compensação dentro dela formulámos as respostas adequadas, as respostas que devemos dar aos estranhos que nos desconheçam e àqueles mesmos portugueses que, porventura, ignoram as virtudes que nos caracterizam e enobrecem.

As Exposições universais, se tiveram, em tempos, um objectivo exclusivamente comercial, hoje começam também a revestir-se dum insofismável interesse turístico. Não conhecemos, repetimos, as bases a que vai obedecer a Exposição de 1954. Mas a Espanha, temos a certeza, vai aproveitar a oportunidade para atrair turistas de todo o mundo — e cativá-los com as suas diversões, com as suas belezas naturais, com a maravilha das suas catedrais, das suas velhas e ricas cidades como Toledo, onde se admiram os quadros de «El Greco», os seus museus riquíssimos, como o do Prado, etc.

Por Lisboa hão-de passar, pelo menos, cincuenta por cento dos visitantes da Exposição; de Lisboa e do Porto, bem como de outros pontos do país, hão-de partir muitas excursões, pois os portugueses gostam da Espanha, da alegria estonteante e ruidosa das suas toiradas e também — para que ocultá-lo? — das encantadoras e espirituosas espanholas, sem dúvida as mulheres mais alegres do mundo. A Exposição de Madrid trará, sob vários aspectos, vantagens ao nosso país.

Há que tirar partido de todas essas vantagens, de todas as oportunidades que se oferecerem para a propaganda de Portugal.

Portugal, para seu próprio interesse, não pode alhear-se da próxima Exposição de Madrid.

REBELO DE BETTENCOURT

A arborização do país e o problema rural

O grande escritor Aquilino Ribeiro não é apenas um mestre da prosa moderna e um notável romancista, e novelista, é, também, um observador atento dos grandes problemas portugueses. Isto quer dizer que o escritor não vive exclusivamente no mundo da ficção, criando figuras imortais e trabalhando, com inspiração e gosto de artista raro, a prosa portuguesa, com um ritmo novo e riqueza de imagens, que o próprio Camilo admiraria sem reservas. De facto, Aquilino Ribeiro, que possui uma cultura opulenta, interessa-se pelas realidades do país e pela sua história, como tão belamente o documenta com o seu livro «Os avós dos nossos avós», dedicado à memória do sábio professor Dr. José Leite de Vasconcelos. O seu último trabalho «Aldeia», que tem por subtítulo e legenda, ou súmula da matéria, «Terra, Gente e Bichos», a par de algumas páginas de índole novelesca, verdadeiramente deliciosas, contém soluções inteligentes de problemas nacionais. Um dos problemas tratados nesta obra é o da arborização do país. Dela depende a solução do problema rural. Vejamos o que, a propósito diz mestre Aquilino Ribeiro:

O problema rural português é mais complexo do que parece à primeira vista e não se resolve com duas penadas e a respectiva dotação orçamental.

Albufeiras, irrigação em grande, são certamente necessárias, porquanto podem elevar de maneira apreciável o coeficiente económico duma região. Mas talvez seja vantajoso procurar a solução mais por largo.

Em tempos antigos pode assegurar-se que o regime das chuvas em Portugal, obedecendo a outro condicionado, disfrutava duma regularidade que se reflectia do modo mais estavelmente benéfico na alimentação do indígena. As orcas que se vêem pelos descampados testemunham que em tempos longínquos—pois que o homem dos megalitos vivia da caça—ali houve floresta. Sabemos pelas breves referências dos geógrafos antigos, di-lo a crítica proto-histórica que a Lusitânia era espessa e continua mata de Norte a Sul. O invasor latino deitou o fogo para vir às mãos do bárbaro. Depois, o árabe, para mais afeito ao deserto, acabou por escalvar o monte e a gândara. A vida vegetal renasceu das cinzas—quem o duvida?—e, quando por ventura de novo a sombra aromática e proveitosa da árvore se entrancava sobre o território, as hostes de D. Afonso Henriques tiveram de recorrer ao fogo como ao ferro para expulsar o agareno. Imaginem-se os incêndios colossais, verdadeiras imagens do fim do mundo, que devoravam a floresta secular! que assim é, sente-se no medo atávico assolapado no fundo da alma popular pelo fogo, o rebate dos sinos, o juizo final, as labaredas do inferno!

Ora faltando a árvore, *dea Aqua*, casta não obstante aprazer-se das boscagens com as suas ninhas, dríades, amadríades e todo o alegre povo dos faunos e silvanos, desertou das paragens lusas. O Estado tem arborizado em harmonia com um plano modestinho, sensatamente concebido e cautelosamente realizado. É pouco. Para ter água nas albufeiras é preciso ter árvores nos montes. Para que o Cabanas e o Manuel Sem—Tempo não andem à sacholada, é necessário que a serra, a boa mãe serra que produz o sargaço, o feto e o pastio para o rebanho, continuando nesta sua função abastecedora, seja arborizada, o que não é incompatível. Que sejam arborizados quantos ermos calvos há em Portugal, e suas serranias agrestes, bouças desamparadas, terras de sequeiro, chavais e dunas. Faça-se isto e, com Abril molhado ou não, lá estarão as águas mil.

Nada mais estranho e poético que o rio a correr na terra silenciosa. É a única coisa fora do mundo animal que anda e se vê andar. Corre o vento, mas não se vê correr. Abana a árvore, mas o seu tremor não constitui motivo de deleite. A água que vai regando, tagarela se encontra um seixinho no caminho, melopáica se cai do talude, tecendo endei-xas entre encher e não encher o cântaro das moças, ainda as vezes que Santo António faz das suas, é um mimo sem igual de amenidade.

Ora já os rios se não vêem correr como dantes, e de certo não são culpados apenas os governos que tem havido desde D. Afonso Henriques para cá. São culpados todos os membros da família portuguesa que desalmadamente despiram os cerros dos soutos dos castanheiros, os ossos de Portugal

Relatório da Direcção Geral dos Caminhos de Ferro

O Relatório e Contas da Direcção Geral dos Caminhos de Ferro referente à gerência do ano económico de 1945, e agora publicado, é uma bem elaborada exposição, cujo exame permite uma apreciação pormenorizada das despesas feitas e das receitas cobradas. Insere entre outra documentação o orçamento do fundo especial de caminhos de ferro para o ano económico de 1945, alterações introduzidas no referido orçamento por diplomas ou despachos posteriores à sua aprovação, legislação publicada no decorrer da gerência que interessa ao serviço do Fundo Especial e dos Caminhos de Ferro, detalhado relatório sobre as receitas e circunstanciado relatório acerca de despesas efectuadas.

Além do importante trabalho que é o gráfico do rendimento total do imposto ferroviário liquidado desde 1 de Julho de 1927 até 31 de Dezembro de 1945, inclue dez mapas em referência à conta da gerência de 1945, movimento do Fundo Especial dos Caminhos de Ferro na gerência daquele ano, balanço do fundo especial dos C. de Ferro em 31 de Dezembro, receitas cobradas, resumo das dotações orçamentais e despesas efectivas, desenvolvimento das despesas, imposto ferroviário cobrado no ano de 1945, imposto ferroviário sobre passagens gratuitas cobrado naquele ano, imposto ferroviário liquidado também em 1945, e imposto ferroviário sobre passagens gratuitas liquidado igualmente naquela época.

Pela encerramento das contas respectivas apurou-se que as receitas atingiram a soma global de Esc. 55.076.502\$01, enquanto as despesas se cifraram em Esc. 52.754.892\$53 de que resultou um saldo de gerência de Esc. 2.321.609\$48, em que está compreendida a importância de Esc. 2.270.000\$00 que, «com autorização superior, será aplicada na satisfação de compromissos que se vencerão na próxima gerência», conforme se diz no relatório. Do preambulo da exposição destacamos este período:

dos carvalhos, a árvore tersa dos fabulistas, dos amieiros, dos teixos, das faias e de tantas espécies indígenas que na sazão estival purificavam os ares e, povoados de pássaros, alegravam a terra. Um alemão compôs um livro votado à religiosidade da água, Fabrício, e deu-lhe este título saboroso *Teologia da água*. Na água que alimenta os prados e dá frescor às rosas, que permite haja trutas para regalo dos delicados, que é elemento indispensável na vida orgânica, que alimenta a Castália dos poe-

«Não obstante persistirem as dificuldades de se adquirir nos mercados internacionais os materiais necessários à execução de alguns dos melhoramentos que se reputam indispensáveis para dar à exploração das linhas do Estado aquela eficiência que lhes é exigida por uma excepcional intensificação do tráfego ferroviário, conseguiu-se, contudo, levar a efeito obras de certo vulto na renovação e balastragem da via, na substituição de pontes e pontões, em melhoramentos e novas construções de edifícios das estações e casas de pessoal, bem como na aquisição de novas locomotivas para queima de óleo e transformação de algumas das unidades existentes para o mesmo fim».

Refere-se o relatório no aludido proémio encontrarem-se quasi em via de conclusão os trabalhos de construção para corrigir a reversão de Beja e das estações terminus de Vila Real de Santo António e do ramal do Estádio Nacional.

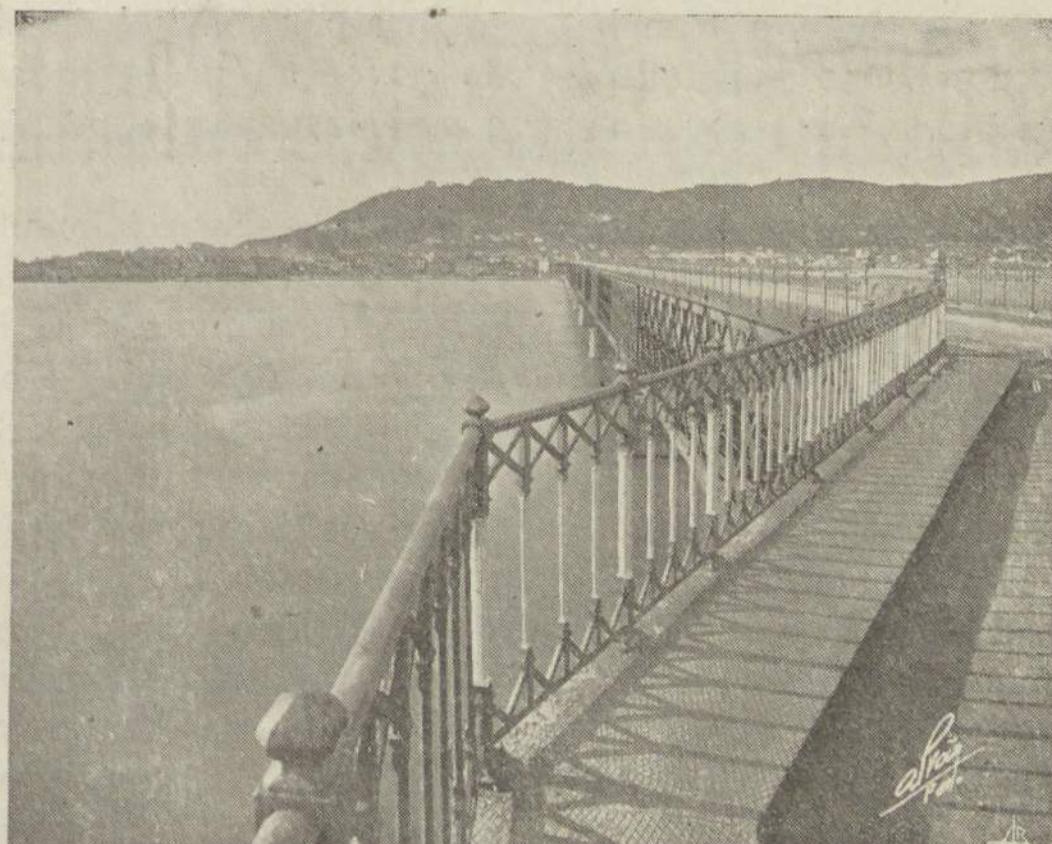
Pagaram-se diversas importâncias respeitantes a subsídios concedidos para construção de estradas de acesso a estações e a substituição de pontes na linha da Beira Alta, trabalhos em que se dispenderam as somas seguintes:

Estudos, construções e obras novas	2.391.248\$56
Aquisições de material circulante e diversas beneficiações	12.519.883\$64
Aquisição de carris e diversas despesas	4.967.431\$65
Substituição e desmonte de pontes	4.977.549\$25
Renovação de via e balastragens .	3.299.513\$81
Obras complementares e melhoramentos nas estações	6.925.809\$65
Diversos trabalhos	1.260.964\$17
Subsídios à Companhia da Beira Alta para substituição de pontes	925.000\$00

O Relatório publica na integra a lei 2.008 aprovada pela Assembleia Nacional, que autoriza a fusão das empresas ferroviárias num só organismo.

tas, está o alfa e o ómega da natureza. O mesmo tinha dito S. Francisco com palavras menos difusas. A sabedoria universal trasborda de sentenças e rifões a seu respeito. Para os meses de temperatura, emite ela sábios prognósticos: «Abril frio, pão e vinho». «Se chover em Maio, carrega o rei o carro; em Abril o carril; entre Abril e Maio, o carril e o carro».

AQUILINO RIBEIRO



VIANA DO CASTELO — A Ponte

RECORDAÇÕES DE VIAGEM

Moledo do Minho

Pelo D.R. BUSQUETS DE AGUILAR

V

O viajante, que percorra a linha férrea do Minho, extasia os seus olhos perante o panorama deslumbrante da paisagem, que é sem dúvida a mais bela de Portugal. Aproxima-se, depois da estação de Ancora, para, a seguir à trincheira da Meia Légua, a 100 metros de Moledo, contemplar a sua vasta praia numa atmosfera acentuadamente marítima.

Ao longe avista-se a Insua, o Minho, e na margem galega o perfil inconfundível do monte de Santa Tecla. O combóio pára na estação de Moledo do Minho, airosa e bem proporcionada.

Outra forma de alcançar Moledo é seguir pela estrada nacional n.º 13 que atravessa a povoação, num percurso atraente, e que desde Viana do Castelo segue entre leiras de milho com o oceano azulino a ocidente.

Possui Moledo admiráveis condições turísticas, que têm sido infelizmente pouco aproveitadas, apesar das suas belezas naturais.

A frequencia é diminuta e flutuante de ano para ano, parecendo que se satisfaz com um veraneio e não deseja voltar. A razão encontra-se na falta de divertimentos que todas as praias possuem, mesmo as que são como esta de tipo praia aldeia.

Está Moledo situada no extremo norte marítimo de Portugal e reduzem-se a quatro os lugares de interesse turístico fundamental: Sino dos Mouros, Praia, Insua e Pinhal do Camarido.

Tem o nome de Sino dos Mouros, um lugar com certa elevação, donde se disfruta toda a paisagem moledense. Ai se encontra o cruzeiro do duplo centenário, e, olhando em redor, a vista perde-se em tanta beleza. De um lado a encosta montanhosa revestida do verde escuro dos pinhais, onde aqui e ali surgem clareiras dos campos de milho com as suas espigas douradas; no alto do monte aparece o despido da charneca; na frente alvejam as casas da povoação, agrupando-se, por um lado junto da praia e na direcção sul-norte.

Na frente estende-se o tapete em forma de tra-

pézio, do pinhal do Camarido; a oeste a mancha verde e por vezes azulada do oceano, surgindo a Insua com as cans veneráveis do seu convento e fortaleza, ao mesmo tempo simbolo espiritual e guerreiro, junto da barca do rio Minho, cuja lista azul separa o Minho da Galiza.

O extremo norte do panorama é dominado pelo Monte de Santa Vila, e nos seus limites avistam-se as muralhas da vila de Caminha e a brancura dos casais de Cristelo.

A praia é reentrante, encontrando-se a sul da foz do rio Minho, reproduzindo-se aqui um princípio geral de formação da costa portuguesa e cuja autoria me pertence, inunciando-o por esta forma: a costa portuguesa, ao sul da foz de um rio, é sempre uma praia, cuja extensão de areal está em proporção com o curso do rio, com exceção da embocadura do rio Sizandro devido às penedias existentes. Assim a praia de Moledo é um vasto areal, formando, junto do pinhal do Camarido uma série de dunas retidas pela fixação vegetal.

Acerca da Insua, pequena ilha situada a 370 metros da costa, já me ocupei na *Gazeta* (¹), pelo que nada mais acrescento.

O pinhal do Camarido é uma mata nacional, semeada pelos habitantes das freguesias de Moledo e de Cristelo, possivelmente no século XVI, para obstar ao avanço das areias, pertencendo actualmente à 1.ª Administração da 1.ª Circunscrição Florestal. Ocupando uma área de 140 hectáres, possui no seu extremo norte a capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso, arruinada nos fins do Século XIX e restaurada integralmente em 1941. As árvores desta mata são o pinheiro bravo, a acácia, o eucalipto e algumas outras espécies. Constitui o pinhal do Camarido um lugar de repouso e de

sombra para os moledenses, ligado às últimas casas da povoação protegendo-o da acção dos ventos e amenizando o clima, já de si muito saudável e muito intenso.

Dedica-se especialmente a população moledense à agricultura, embora quasi todos os habitantes possuam um ofício, cuja aplicação procuram a mais das vezes fora da povoação, emigrando para as nossas Colónias, para o Brasil e para a Argentina. Os moledenses são exímios pintores, estucadores e pedreiros, atingindo verdadeiro relevo no ramo da construção civil.

Se Moledo não é rica, todavia existe uma medeania quasi geral, que faz com que a miséria não seja conhecida, como também não o é a abastança. A extrema divisão da propriedade e a densidade da população são causas de empobrecimento, enquanto a fertilidade do solo, o aluguer de casas a veraneantes na época balnear e a emigração, são motivos de riqueza.

As culturas predominantes são o milho e o vinho.

A propriedade urbana de Moledo está desenvolvida, contando-se algumas boas casas com todas as comodidades, principalmente na praia, que são destinadas aos veraneantes para aluguer. A propriedade rústica está muito dividida, principalmente as leiras, que são agricultadas pelos donos e algumas dadas de renda, mas o lavrador tem quasi sempre um ofício ou profissão que também desempenha. A área baldia deve em breve ser arborizada acabando os terrenos improdutivos.

(¹) *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, n.ºs de 16 de Junho e 1 de Agosto de 1946.



Quer saber? Tome, pois, conhecimento de...

Que na Alemanha, de Berlim a Hamburgo gastavam-se 3 h,15, pelos combóios ordinários, para cobrir a distância de 287 quilómetros à velocidade de 88,7 K-H. Os mesmos combóios rebocados por locomotivas Diesel reduzem o tempo indicado para 2h,59, ou seja à média alcançada de 96,2 K-H.

Que o rápido de Paris a Berlim cobria o percurso de 239 km, à velocidade de 106,4 K-H.

Que os caminhos de ferro da Pensilvânia, América do Norte, utilizam nas linhas suburbanas carroagens de dois andares, o que aumenta a vantagem económica da sua exploração, visto reduzir o peso morto por passageiro transportado. Essas carroagens têm 19 metros de comprimento e 4,25m de altura acima dos carris. Pesam 32 toneladas e transportam 120 passageiros, comodamente sentados, pois se adoptou a solução dos assentos sobrepostos, mas de forma tal que o compartimento superior fica disposto sobre a divisória dos dois compartimentos inferiores consecutivos. A C. P. já em tempos teve em circulação carroagens semelhantes a estas as quais faziam, especialmente, a condução de passageiros entre as estações de Algés e Cais do Sodré, quando a linha de Cascais constituía um ramal das suas linhas.

Que o comboio rápido de Lisboa ao Porto faz esse percurso a perto de 65,K-H havendo porém certos pontos onde ultrapassa, em pouco, 100 K-H. Todavia já se tem feito o trajecto de Lisboa-G à velocidade média de 63 K-H.

Que no edifício da estação do Rossio, situado no eixo central da fachada e um pouco abaixo da torre do relógio, verdadeiro relicário digno dum museu, existe um medalhão com a efígie, em alto relêvo, do Rei D. Luís de Portugal e

Que, mais abaixo, o campo limitado pelo arco «Tudor» e as três arcadas serve de fundo a mais dois medalhões contendo as figuras, também em relêvo, representativas dos seguintes vultos proeminentes: à esquerda, a de Fontes Pereira de Melo, que foi notável homem de Estado e era Ministro das Obras Públicas no tempo da construção da estação-monumento, e à direita, a de Stephenson, o genial inventor da locomotiva.

Que a potência normal das mais categorizadas locomotivas da Europa oscila entre 2:000 a 3:000 cavalos de força.

Que nos Estados Unidos da América do Norte, especialmente nos caminhos de Ferro de Virgínia, em rampas de 20 °. de inclinação se rebocam combóios de 6:000 toneladas de carga, utilizando duas locomotivas eléctricas de peso de 570 toneladas cada uma.

Que o falecido engenheiro Miguel Pais chamava com entusiasmo à estação do Barreiro, referindo-se à traça da sua construção, «famoso arremêdo da grandiosa construção dos Jerónimos».

Que, a Companhia dos Caminhos de Ferro Centrais do Uruguai mandou edificar em Montevideu uma importante estação ferroviária, de magnífico aspecto e cuja arquitectura é em puro estilo clássico italiano. Existe nela, para utilização do público uma espaçosa e importante biblioteca, com acesso directo às plataformas.

Que, um fogueiro robusto e activo, não consegue fazer queimar mais de 2:500 quilogramas de carvão por hora, o que corresponde a uma potência cedida de 2:500 cavalos-vapor. Nem tampouco carregar uma grelha com mais de três metros de comprimento.

Que a distância de Lisboa a Paris é de 1:892 quilómetros e, à velocidade horária de 61 quilómetros se gastam no percurso 31 horas.

Que, segundo conclusões já comprovadas, a potência máxima duma locomotiva de tipo vulgar, não ultrapassará 8:000 cavalos-vapor, pelo limite do diâmetro dado aos seus cilindros. As máquinas da C. P., da série 501 a 508, desenvolvem uma potência de 2:000 cavalos de força.

Que a ponte romana de Chaves, que atravessa o rio Tâmega e se admite ter sido construída no tempo do Imperador Trajano, é ainda hoje cabal demonstração, tal como a sua similar de Mirandela, sobre o Tua, de que os romanos foram na antiguidade grandes e activos construtores de pontes.

Que na linha de Benguela à fronteira, entre as estações de Lengue, ao quilómetro 50 e de S. Pedro, ao quilómetro 54, isto é, na extensão de quatro quilómetros, o caminho de ferro é em cremalheira, com o fim de assim se vencer mais facilmente a forte rampa em que assenta. Nesta linha o ponto de maior altitude é onde está situada a estação de Calenga, a 1854 metros de altitude.

Que, por analogia com a nota supra se aponta aqui que em Portugal, a estação da Guarda, na linha da Beira Baixa, está situada a 811 metros acima do nível do mar e a de Roças, na linha do Tua e perto de Bragança, está situada a 849 m,67, de altitude, portanto a que disfruta da circunstância de ser a que no nosso país está mais altamente erigida.

Que os caminhos de ferro sul-africanos já de há muito adoptaram, para os seus serviços de inspecção de via, automóveis ligeiros especialmente adaptados à circunstância e que, sem esforço e sem necessidade de abastecimento podem dar a velocidade de 70 quilómetros-hora, em percursos de 800 quilómetros.

Que na Austrália existe uma linha, a de Brisbane a Pert, com 5:590 quilómetros, dos quais 1:700 atravessam uma região desértica. Faz-se esse percurso em 140 horas, a que corresponde uma velocidade de 39 K-Hora.

Que nas linhas da C. P., como aliás em todas as outras, devido ao sistema de sinalização adoptado, as possibilidades de acidentes estão eficazmente diminuídas, pois os sinais de avanço de marcha dos combóios já de há muito foram tornados dependentes da posição das agulhas, feitas por postos mecânicos de concentração de manobras, como, por exemplo, nos postos «Saxby», nas estações de grande movimento, ou fechando as agulhas a cadeado, como nas estações de menor tráfego, utilizando as fechaduras de segurança «Bouré».

Alexandre Fr. Sette

Alvaro Figueiredo de Almeida

No dia 16 do mês passado, data do aniversário natalício do nosso amigo sr. Alvaro Figueiredo de Almeida, sócio gerente da firma Black, L.^{da}, um grupo dos seus amigos mais íntimos ofereceu-lhe um banquete. A essa festa, que decorreu num ambiente de alegria, assistiram escritores, jornalistas, artistas, industriais e comerciantes. Presidiu ao banquete o sr. Silva Gama director do grupo «Os Capotes Brancos».

A *Gazeta dos Caminhos de Ferro* associa-se à homenagem prestada a Alvaro de Figueiredo — verdadeiro «gentleman» pelas suas qualidades de carácter e aprumo moral.

Imprensa

«O VOLANTE»

Completo vinte anos de publicação o nosso colega «O Volante», conhecido jornal de automobilismo que A. de Campos Junior dirige com a proficiencia dum técnico neste assunto. Por tal motivo apresentou um número de 16 páginas de interessante aspecto gráfico e com colaboração de Charles Faroux, Henrique Kendall, João de Vasconcelos, Boavida Portugal, etc. Publicação muito útil à indústria automóvel, «O Volante» mantém com este número os seus créditos de jornal especializado, bem informado e redigido. Felicitamos o seu director e quantos trabalham naquele jornal.

«BRISA»

Com ótima apresentação gráfica e certo arranjo moderno que muito valoriza o seu conteúdo, apareceu o segundo número da revista mensal de cultura, arte, regionalismo e cinema «Brisa», dirigida por Manuel Homem Ferreira. Insere escolhida colaboração de alguns nomes da geração nova: Pedro Homem de Melo, Américo Durão, Azinhal Abelho, Henrique Ruas e outros valores que formam o escol mais representativo do actual panorama literário português.

«A NAÇÃO»

Recebemos o n.º 27 deste semanário da actualidade política e literária, que como nos números anteriores marca posição de destaque pelo seu interessante texto firmado por intelectuais. Leitura muito variada e assuntos palpitantes — eis o recheio deste excelente semanário dirigido por José O'Neill.

Há 50 anos

(Da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, de 1 de Outubro de 1896)

Linhos Portuguezas

Estação da Figueira. — Já está collocada a nova bascula n'esta estação, junto ao caes dos vinhos, melhoramento que tão necessário se tornava e que o commercio reclamava para facilitar o serviço de expedições que mais se avoluma cada dia.

Ponte da Cruz Quebrada. — Já está corrido o primeiro taboleiro da nova ponte sobre o Jamor.

Os trabalhos continuam activos para que esta semana fique corrido o outro taboleiro, o da via ascendente, que ainda se acha em acabamento, do lado de Cascaes.

Imediatamente se procederá ás experiencias e ao restabelecimento da circulação pelas duas vias, o que nos asseguram começará no domingo 4.

A ponte devia estar prompta em 6 de Agosto.

Freios de vacuo. — Foi auctorizada pelo sr. ministro das obras publicas a compra d'estes freios para 10 locomotivas destinadas ás linhas do Minho e Douro, no valor aproximado de 20 contos de réis.

Minho e Douro. — O sr. ministro das obras publicas officiou ao Centro Commercial do Porto, comunicando que tinha sido attendidas as suas reclamações relativamente á deficiencia das instalações da estação do Porto A.

Falta, porém, resolver a questão mais importante: a falta de material que se nota nas linhas do Minho e Douro, contra a qual o comércio está protestando.

— Terminou o concurso para a construcção e exploração de um caes acostável no Douro entre o caes dos caminhos de ferro e o caes das Freiras. Concorreram apenas os srs. Campos e Moraes, importantes industriaes e constructores do Porto, os quaes reduziram de 80 para 70 réis a taxa de acostagem e de 190 réis para 80 réis a taxa de armazenagem.

O Caminho de Ferro do Montijo a Alcochete

O sr. engenheiro Albano Castel Branco Pires e o agente técnico de engenharia sr. João Pereira Serra, encontram-se em Alcochete a proceder ao estudo do traçado de caminho de ferro Montijo-Samouco-Alcochete.

O caminho de ferro do Montijo a Alcochete é uma das velhas aspirações da região, e a realização deste importantíssimo melhoramento reputa-se um dos principais factores que concorrerá para o seu ressurgimento, pois dará a necessária expansão a todas as terras da grande zona agrícola, pecuária e vinícola.

O sr. ministro das Obras Públicas, quando em 23 de Outubro do ano passado recebeu uma comissão de alcochetanos prometeu-lhes dar todo o apoio á justa aspiração de se inaugurar o caminho de ferro, que, num futuro próximo, ficará servindo um centro produtor importante, até hoje sem meios de comunicação para o aproveitamento total dos seus recursos.

Recortes sem Comentários

Mercado Negro

Causou a melhor impressão na nossa cidade, a notícia de que o Governo, por intermédio da Direcção Geral dos Serviços de Fiscalização, vai exercer a indispensável pesada repressão sobre todo o mercado negro.

De há tempos a esta parte as negociatas tem-se feito com um descaramento inaudito, porque a lei era branda de mais e a fiscalização, muitas das vezes, fingia que ignorava.

Creemos, porém, que tudo vai sofrer radical mutação. As penas, mais graves agora, são anunciadas severamente para os praticantes do comércio negro, com os quais na verdade tem havido demasiada contemporização.

Para baixo, como diz a sabedoria popular, e se o presente decreto não for ainda suficiente, outro mais rigoroso, se possível.

O que não se admite é haver, por exemplo, manteiga em abundância ou bastante para o nosso consumo, e ela não aparecer à venda, mas particularmente não faltarem pessoas que intitulando se cristãs e blasонando de católicas piedosas, não tem vergonha de pedir 48\$00 por cada quilo. E quem diz manteiga, diz morcela ou coisa que o valha, a 60\$00.

Para baixo, para a Ilha do Sal ou lá para onde seja, mas que o mercado negro acabe de uma vez para sempre.

Os Serviços de Fiscalização têm os nossos incondicionais aplausos e podem contar connosco.

(Do *Jornal de Elvas*)

Portugal na U. N. O.

Um telegrama de Nova Iorque, diz que a Rússia, a Polónia e o México reuniram-se na Comissão de Membros do Conselho de Segurança para se oporem ao pedido de Portugal para entrar para membro das Nações Unidas, segundo se anuncia oficialmente.

Ao mesmo tempo a França recusou-se a apoiar o pedido do Sião que procura um acôrdo na disputa territorial entre os dois países. A Rússia manteve a sua decisão quanto ao pedido da Islândia.

O delegado polaco disse que os portugueses, sem dúvida, eram um povo amante da paz, mas que o actual regime

era «ideologicamente muito estreitamente ligado ao actual regime da Espanha e aos regimes que foram derrubados na Alemanha e na Itália».

Acusoa Portugal de abrigar criminosos de guerra alemães e de manter valores alemães.

A Grã-Bretanha e os Estados Unidos apoiaram calorosamente o pedido português.

(Da *Reuter*)

Pasmoso!

O «Diário de Notícias», de Lisboa, publicou, há dias, o seguinte anúncio:

ESTRUME

«Vende-se quantidade de batata pôdre a retirar do armazém A em demolição. Cais livre de Santa Apolónia.»

Outro diário, aludindo a este facto, averiguou que a quantidade de batata pôdre anunciada para venda, como estrume, atingia 25 toneladas!!

Fantástico! Faça o leitor idéia e diga-nos o que precisavam os responsáveis por este verdadeiro crime contra a economia nacional.

É muito! É muito confiar na brandura dos nossos costumes.

(Do *Jornal de Albergaria*)

Revolução na Bolívia

Eclodiu no dia 22 de Julho um movimento revolucionário na Bolívia,

Os revoltosos, que triunfaram, atacaram o palácio presidencial, sendo mortos o chefe do Estado e todos os membros do Governo boliviano.

Foi constituído um governo provisório e vão realizar-se dentro em breve eleições gerais.

O número de mortos eleva-se a 2.200 e ficaram feridas mais de 3.000 pessoas, muitas das quais em estado grave.

Efectuaram-se centenas de prisões. O governo provisório suspendeu todos os embaixadores bolivianos acreditados nos países estrangeiros que foram nomeados pelo presidente Vilarroel.

(dos jornais)

É a marca dos condutores eléctricos cuja qualidade de fabrico é a garantia de uma boa instalação eléctrica

FABRICADOS PELA

Fábrica Nacional de Condutores Eléctricos, L.^{da}

E DISTRIBUIDOS PELA :

CEL

SODIL

Sociedade Distribuidora, L.^{da}
RUA NOVA DA TRINDADE, 15-C — LISBOA

Os herdeiros de Hitler

Vai entrar em curso um dos pleitos mais sensacionais do nosso tempo. A família do defunto Fuehrer do nazismo, Adolfo Hitler, vai requerer, sob o patrocínio de um grande advogado norte-americano, a entrega da herança pessoal que ele deixou.

Afirmam os jornais dos Estados Unidos que a herança não é pequena: cerca de 1.000 milhões de dólares, ou seja a bonita soma de 25 milhões de contos. Só os lucros com a venda do «Mein Kampf» em todo o mundo e, sobretudo, na Inglaterra e nos Estados Unidos, consta que representam fortuna enorme. Há que juntar-lhes ainda os direitos de certas obras de Wagner que lhe foram oferecidos pelos herdeiros; os presentes «oferecidos» pelo povo alemão; os lucros em certas indústrias alemãs, de que o Fuehrer, menos desinteressado do que se supunha, era accionista categorizado.

Os herdeiros indigitados de Hitler são: sua irmã Paula, que vive, segundo se diz, em Viena; sua irmã Angela, residente no Rio de Janeiro; e o seu irmão Alois, proprietário de um restaurante na Wittenbergplatz de Berlim, que acaba de abrir outro estabelecimento do mesmo género em Hamburgo, com autorização dos ingleses.

Há ainda um sobrinho, filho de Angela Hitler, que é norte-americano por nascimento e se indigita ser o autor do processo de habilitação à fortuna deixada pelo tio.

Todos estes rebentos da família Hitler se proclamam firmemente anti-hitlerianos de velha data.

(Do Diário dos Açores)

Roubo, abuso ou quê?...

O custo da vida vai subindo assustadoramente, devido ao «cambio negro», onde há abundância de tudo...

O «cambio negro», é um Cancro que pode levar á «Glória» os chamados remediados, porque, as classes trabalhadoras, têm de passar muita necessidade ou até fome, tal o custo elevado dos generos indispensáveis à sua alimentação.

O azeite, arroz, bacalhau, açucar, batata, feijão, pão, hortaliça, vinho, enfim, tudo, tudo, está pela hora H...

Isto é roubo, abuso ou quê?...

Valham-nos os senhores que têm por missão obstar o «cambio negro», mas façam com que nos forneçam generos, pela tabela, que cheguem para nos alimentar durante o mês, porque os que recebemos mal chegam para oito dias...

(De O Barcelense)

«Excesso excessivo...»

O ano decorrente está-se caracterizando por excessos de toda a espécie.

Choveu em excesso, está-se sentindo calor em excesso, abusa-se em excesso e... tudo se faz com excesso, sem se olhar às consequências.

A parte os géneros de mercearia que estão tabelados e vão sendo fornecidos em doses mínimas, tudo o mais é vendido por preços imcomportáveis — se vendido se pode chamar ao que se é obrigado a adquirir por preços fora de toda a razão, para se não morrer à mingua.

Por exemplo: — sardinha, a 40 escudos o cento; azeite, a 20 o litro; arroz, a 15 escudos o quilo; carne a ???? cada quilo; peixe a ???? cada quilo; pão de milho a ???? cada quilo.

E tudo o mais assim, sem se saber quando surgirá um dique a pôr termo a estes excessos excessivos, que estão a pedir excesso de fiscalização e castigo excessivo.

(De O Figueirense)

COMPRE

Lâminas cooper

Cooper Espessura Regular 006 — Pacote de 5 lâminas 5\$00

Cooper Azul, Super Delgada 004 — Pacote de 4 lâminas 4\$00

À VENDA EM TODAS AS CASAS DA ESPECIALIDADE

GRATIS — Queiram enviar-nos um postal com a direcção e enviaremos uma lâmina da espessura que preferir

Representantes exclusivos para todo o Império Português

SOCIEDADE COMERCIAL JULIO DE MACEDO, LD.^A

Rua de S. Nicolau, 23, 1.^o — LISBOA — Telefone P B X 23608

Caixa Postal 64 — Telegramas JOSELI

Abundância que dá em fome

A cada passo notíciam os jornais o regresso dos nossos barcos bacalhoeiros. E diz-se sempre que trazem abundante carga. Ainda há pouco também se noticiou que tinha chegado a Lisboa o vapor norueguês «Braga» com cerca de 1500 toneladas de bacalhau proveniente daquela nação. E entre nós não se come nem um rabo há muitos meses.

Para onde irá o fiel amigo, que nos tempos que vão correndo deixou de o ser e já não quer saber do povo deste concelho?

O racionamento entre nós, além de ser limitadíssimo, é sempre tarde e a más horas. Quando acabará este tormento?

(De Boa Nova)

Leão Marinho?

No dia 12, dois pescadores de Áveromar, próximo da Povoa de Varzim, viram sair do mar e subir a duna um animal branco de um metro de altura.

Surpreendidos, procuraram apanhá-lo, mas o animal, vendo-se perseguido, voltou a correr para o mar, mergulhando.

Os pescadores, então, esconderam-se atrás de uma embarcação e passados uns vinte minutos de novo saíram da água, subindo o areal. Então os marítimos cercaram-no e deram-lhe uma paulada, matando-o.

Tem a cabeça de foca, mas as membranas têm articulações e unhas e é coberto de pelo.

O director do Museu comprou-o e mandou-o ao sr. Dr. Augusto Nobre, para o classificar e ordenar a sua preparação para ser exposto no Museu daquela vila.

Presume-se que seja exemplar único em Portugal.

(Do Progresso de Paredes)

Publicações recebidas

Relatório da Companhia Nacional de Caminhos de Ferro

Está publicado o relatório da Companhia Nacional de Caminhos de Ferro relativo a 1945 e apresentado à Assembleia Geral Ordinária de 2 de Maio deste ano, do qual extraímos estas notas elucidativas: Receitas e despesas na rede propria: respetivamente 8.647.309\$02 e 7.600.486\$03. Receitas nas linhas subarrendadas: 8.264.394\$16. Despesas: 8.509.101\$17. Inclue um mapa descriminativo das despesas de exploração.

«Almanaque do Povo»

Em edição muito cuidada da Junta Central das Casas do Povo e do S. N. da Inf., publicou-se o «Almanaque do Povo» referente ao ano corrente. Não é, como aliás consta da apresentação feita nas primeiras páginas, a título de prévia advertencia, um almanaque literário ou recreativo, mas sim apenas um repositório de indicações muito uteis sobre trabalhos agrícolas, cronologia popular, registo civil, recenseamentos escolar e militar, etc. Insere pormenorizada exposição sobre o que é um calendário, divisão do tempo, e a construção de relógios de sol, elucidações curiosas que vêm acompanhadas de bastantes gravuras, valorizando desta forma um texto que foi criteriosamente elaborado para fácil compreensão das camadas populares a que o Almanaque se destina. Aspecto gráfico correctíssimo.

Relatório do Banco de Angola

Referente ao exercício de 1945 publicou-se o Relatório do Banco de Angola que tráz informação muito completa sobre a situação económica e financeira de Angola (cotações e colocação de géneros, produção industrial e agrícola, lavra indígena, o custo da vida na província, situação das principais praças e regiões angolanas, etc.). Acérca da balança comercial de Angola publica números elucidativos referentes a importação e a exportação. Vem também muito pormenorizado o quadro das operações a crédito realizadas em Angola que continuam a ser subordinadas não só à capacidade creditória dos clientes como às necessidades mer-

cantis a curto prazo, tendo sempre presente as conveniências superiores da economia da colónia. Pelos elementos discriminativos deste Boletim pode avaliar-se a posição do Banco de Angola — em crescente actividade e expansão.

— Recebemos o 1.º número do «Mensário das Casas do Povo» editado pela Junta Central das Casas do Povo e dirigido por Mário Madeira. Apresenta-se com excelente aspecto e com escolhida colaboração do dr. António de Castro Fernandes, prof. Amorim Girão, Armando Leça, Francisco Correia e Luís Chaves.

— Recebemos e agradecemos os Relatórios das seguintes empresas: Hidro-Electrica Alto Alentejo, Companhia de Seguros Tranquillidade, Casa da Imprensa e do Livro, Companhia de Seguros «Bonança», Companhia de Seguros «Garantia» e Companhia de Seguros «Comércio e Indústria».

— O sr. capitão de mar e guerra S. R. da Rocha e Cunha editou uma interessante «Notícia sobre as industrias marítimas na área da jurisdição da capitania do porto de Aveiro», pequena *plaquette* muito util para a compreensão dos problemas da nossa economia marítima, e que, enriquece a já vasta bibliografia do porto de Aveiro e das suas indústrias marítimas.

— Pela Comissão Reguladora do Comércio de Carvões foi editado um valioso guia acérca do fabrico, em forno portátil, de carvões vegetais para gasogénios. Trata-se de indicações gerais sobre o fabrico de carvão vegetal coligidos sob a direcção técnica do sr. eng. António de Magalhães Ramalho.

ESPECTÁCULOS

CARTAZ DA SEMANA

CINEMAS

EDEN — 15,30 e 21,30 — «O Expresso Bagdad (Estambul».

OLIMPIA — Às 15 e 21 — «Os demônios da caverna sangrenta».

COLISEU — Às 21,45 — Companhia de circo.

PARQUE MAYER — Divertimentos, atracções, etc.

JARDIM ZOOLÓGICO — Exposição de animais.

Quereis dinheiro?
JOGAI NO

Gama

Rua do Amparo, 51
LISBOA

Sempre Sortes Grandes!

P A R T E  O F I C I A L

M I N I S TÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

D irecção Geral dos Caminhos de Ferro

O «Diário do Governo», n.º 188, II série de 14 de Agosto de 1946, publica o seguinte:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, ouvida a Direcção Geral de Caminhos de Ferro, que seja aprovada a conta da liquidação da garantia de juros da linha férrea da Beira Baixa, apresentada pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e referente ao 2.º semestre do ano de 1945 (período decorrido de 1 de Julho a 31 de Dezembro), e que a mencionada Companhia entre nos cofres do Estado com a quantia de 358.485\$68, como liquidação desta garantia.

O «Diário do Governo», n.º 194, I série de 28 de Agosto de 1946, publica o seguinte:

Decreto-lei n.º 35:834

Usando da faculdade conferida pela 1.ª parte do n.º 2.º do artigo 109.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo para valer como lei o seguinte:

Artigo único. É adicionado ao artigo 32.º do decreto-lei n.º 26:117, de 23 de Novembro de 1935, o seguinte parágrafo:

§ 5.º Sempre que o lugar de secretário do Fundo Especial de Caminhos de Ferro seja provido por um engenheiro de 1.ª ou 2.ª classe dos quadros dos serviços da Direcção Geral de Caminhos de Ferro, ficam-lhe assegurados, nas mesmas condições, os direitos consignados na alínea b) aos chefes das repartições técnicas.

Publique-se e cumpra-se como nele se contém.

Paços do Governo da República, 28 de Agosto de 1946.
— ANTÓNIO ÓSCAR DE FRAGOSO CARMONA — *António de Oliveira Salazar* — Júlio Carlos Alves Dias Botelho Moniz — Manuel Gonçalves Cavaleiro de Ferreira — João Pinto da Costa Leite — Américo Deus Rodrigues Thomaz — Augusto Cancella de Abreu — Marcello José das Neves Alves Caetano — Clotálio Luiz Supico Ribeiro Pinto.

O «Diário do Governo», n.º 175, II série de 30 de Julho de 1946, publica o seguinte:

Repartição de Exploração e Estatística

Em conformidade com o disposto no artigo 3.º do decreto-lei n.º 27:665, de 24 de Abril de 1937, foi aprovado, por despacho desta Direcção Geral de 22 do corrente mês, o projecto de aviso ao público, apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, pelo qual é anulada a tarifa do ramal particular das Lezírias de Janeiro de 1923, da extinta Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste.

O «Diário do Governo», n.º 195, II série de 22 de Agosto de 1946, publica o seguinte:

Em conformidade com o disposto no artigo 2.º do de-

Companhia

«Cimento

T E J O »

FÁBRICA EM ALHANDRA

CIMENTO PORTLAND ARTIFICIAL

• •

FERRO PARA FUNDIÇÃO

S E D E :

Rua da Vitória, 88-2.º — L I S B O A

TELEFONES 28953—28552

F I L I A L :

Avenida das Aliados, 20-3.º — P O R T O

TELEFONE 1551

creto-lei n.º 27:665, de 24 de Abril de 1937, foi aprovado, por despacho de 16 do corrente mês de S. Ex.º o Subsecretário de Estado das Comunicações, o projecto de aditamento à tarifa especial n.º 4 (passageiros — bilhetes de assinatura), apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, pelo qual são substituídas pelas tabelas anexas ao mesmo aditamento as tabelas de preços dos capítulos III e IV da referida tarifa.

O «Diário do Governo», n.º 169, II série de 23 de Julho de 1946, publica o seguinte:

Repartição de Estudos, Via e Obras

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, concordando com o parecer da comissão a que se refere o decreto n.º 19:881, que seja declarada sobrante uma parcela de terreno, com a superfície de 32^{m2},50, à direita da linha férrea do Vale do Vouga, entre os quilómetros 55,274,42 e 55,328,28, nos termos do § 2.º do artigo 2.º do decreto-lei n.º 22:562, de 23 de Maio de 1933.

A referida parcela de terreno está situada na freguesia e concelho de Albergaria-a-Velha, distrito de Viseu, e confronta ao norte com Francisco Inácio da Silva e caminho de ferro, ao sul com caminho, ao nascente com o caminho de ferro e ao poente com Francisco Inácio da Silva.

A venda da supracitada parcela de terreno é regulada pelas disposições do artigo 6.º do mencionado decreto-lei n.º 22:562.

O «Diário do Governo», n.º 171, de 25 de Julho de 1946, publica o seguinte:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Minis-

tro das Obras Públicas e Comunicações, concordando com o parecer da comissão a que se refere o decreto n.º 19:881, que seja declarada sobrante uma parcela de terreno, com a superfície de 35 metros quadrados, à esquerda da linha férrea do ramal de Aveiro, entre os quilómetros 32,482.57 e 32,552.64, nos termos do § 2.º do artigo 2.º do decreto lei n.º 22:562, de 23 de Maio de 1933.

A referida parcela de terreno está situada na freguesia de Esgueira, concelho e distrito de Aveiro, e confronta ao norte com caminho de ferro, ao sul com João da Silva, caminho de ferro e estrada nacional, ao nascente com o caminho de ferro e João da Silva, e ao poente com o caminho de ferro.

A venda da supracitada parcela de terreno é regulada pelas disposições do artigo 6.º do mencionado decreto-lei n.º 22:562.

O «Diário do Governo», n.º 172, II série de 26 de Julho de 1946, publica o seguinte:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, concordando com o parecer da comissão a que se refere o decreto n.º 19:881, que seja declarada sobrante uma parcela de terreno, com a superfície de 74 metros quadrados, à direita da linha férrea do ramal de Aveiro, entre os quilómetros 24.429.50 e 24.489.65, nos termos do § 2.º do artigo 2.º do decreto-lei n.º 22:562, de 23 de Maio de 1933.

A referida parcela de terreno está situada no lugar de Rabaçal, freguesia de Eirol, concelho e distrito de Aveiro, e confronta ao norte com estrada nacional e Manuel Rodrigues Martins, ao sul com o caminho de ferro, ao nascente com Manuel Rodrigues Martins e ao poente com a estrada nacional. A venda da supracitada parcela de terreno é regulada pelas disposições do artigo 6.º do mencionado decreto-lei n.º 22:562.

Hotel Franco

(Em frente à Praça da Figueira)

EDIFÍCIO TODO

DIÁRIAS A PREÇOS MÓDICOS

FALA-SE
FRANCÉS

Próximo da Estação do Caminho de Ferro e do mar. — Todos os confortos e comodidades recomendáveis. — Esplêndida sala de visitas. — Casa de banho em todos os andares. — Cozinha à Portuguesa. — Empregados a todos os Vapores e Combóios.

Gerente: FERNANDO RODRIGUES

LISBOA — Rua dos Douradores, 222

TELEFONE 2 1616 — PORTUGAL

GLYCOL

O IDEAL DA PELE



PRODUCTOS V. A. P.

O GLYCOL amacia a pele.

O GLYCOL dá aos lábios a maior frescura.

O GLYCOL é o ideal fixador do pó de arroz.

O GLYCOL evita o cieiro.

O GLYCOL dá a todas as peles o raro encanto da mocidade.

O GLYCOL cura o «cres-tado» do Sol e o «queimado» da Praia.

O GLYCOL cura todas as impurezas e estragos da pele, tais como: erupções, borbulhas, espinhas, impigens, rugas, manchas, escoriações leves, mordeduras de insectos, etc., etc.

À venda nas melhores casas da especialidade e principais farmácias

DEPOSITÁRIOS:

Ventura d'Almeida & Pena

RUA DO GUARDA MOR, 20, 3.º E. (a Santos) LISBOA

Remetemos uma amostra a quem nos enviar 5\$50 em sêlos do correio, nome e morada

Central Açoreana, L.^{da}

Armazenistas e agentes comerciais — Importadores e Exportadores de produtos continentais, insulares, coloniais e estrangeiros

Máquinas para todas as indústrias

Travessa do Alecrim, 3-1.

LISBOA

Telef. 2 2687

Teleg. «Cenaçor»

Cimento "LIZ" Hidrofugado "N"

Próprio para IMPERMEABILIZAÇÃO DE OBRAS, rebocos, fundações, paredes, etc.

Substitue com vantagens de ordem técnica e económica todos os impermeabilizadores conhecidos.

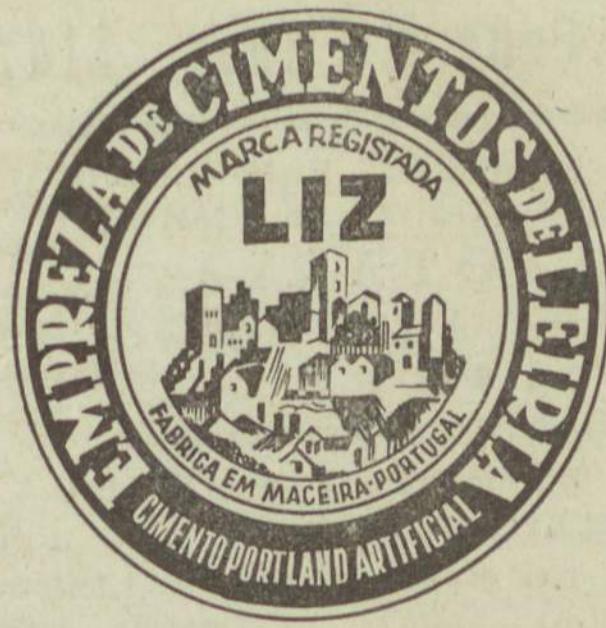
EM SACOS DE PAPEL DE 50 QUILOS

Peçam instruções para o seu emprego

Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA

Filial do Norte: Rua de Santo António, 190-A, 1.º — PORTO

AGENTES EM TODO O PAÍS



MALA REAL INGLEZA

(ROYAL MAIL LINES, LTD.)

CARREIRAS PARA O BRAZIL E RIO DA PRATA

AGENTES EM LISBOA

JAMES RAWES & C.º

Rua Bernardino Costa, 47, 1.º—Telefones: 23232-4-5

E. PINTO BASTO & C.º, L.º

Avenida 24 de Julho, 1, 1.º—Telefones: 26001 (6 Linhas)

AGENTE NO PORTO

TAIT & C.º

Rua Infante D. Henrique, 19—Telefone: 7

**Companhia do Caminho
de Ferro de Benguela**

SÉDE EM LISBOA

LARGO DO QUINTELA, 3

COMITÉ DE LONDRES:

PRINCES HOUSE, 95, GRESHAM STREET, E. C. 2

Linha férrea construída e em exploração

Desde o Lobito à Fronteira, quilómetros

1.347. Distância do Lobito à região mi-

neira da Katanga: Quilómetros 1.800

TINTURARIA Cambournac11, LARGO DA ANUNCIADA, 12
TELEFONE 2 6415Sucursal no Pôrto: RUA DE S.ª CATARINA, 380
Oficinas a vapor—RIBEIRA DO PAPELTintas para escrever de diversas qualidades
rivalizando com as dos fabricantes
ingleses, alemães, e outrosTinge seda, lã, linho e algodão em fio ou em tecidos bem como
fato feito ou desmanchado—Encarrega-se de reexpedição pelo ca-
minho de ferro ou qualquer outra via—Limpa pelo processo
parisiense fatos de homem, vestidos de seda ou de lã, etc., sem
serem desmanchados—Os artigos de lã, limpos por este pro-
cesso, não estão sujeitos a serem atacados pela traça

Funerais dos mais simples aos mais luxuosos

Trasladações para todos os cemitérios,
províncias, etc. Coroas, urnas, arma-
ções, etc. Preços resumidíssimos, sem
receio de concorrência**AGÊNCIA SILVA**

de Augusto Carlos da Silva

Funerais particulares dos Hospitais
e do Instituto de Medicina Legal

SUCURSAL:

60-A, Rua de Campolide, 60-B—Telefone 45808

SEDE:

32, Rua dos Remédios, 34 (ao Terreiro do Trigo)

Telefone 2 1278—LISBOA



Chamadas a toda a hora da noite



Bom Gosto...

Não revela somente, quem oferece um ele-
gante ramo de flores. Também na escolha
da casa para a execução dos seus trabalhos
V. Ex.º dá uma prova de BOM GOSTO.

OS ATELIERES GRÁFICOS

BERTRAND IRMÃOS, L.º

PRIMA PELA QUALIDADE

DOS SEUS TRABALHOS

FIXE BEM

trabalhos de

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
OFFSET E
LITOGRÁFIA**BERTRAND (IRMÃOS), L.º**

Trav. da Condessa do Rio, 27—LISBOA—Telef. P. B. X. 2 1368 - 2 1227

Thomaz da Cruz & Filhos, Ltd.º

Armazéns de madeiras e Fábricas Mecânicas de Serração

PRAIA DO RIBATEJO, PAMPILHOSA
DO BOTÃO, CAXARIAS E CARRIÇOCAIXOTARIA
DOCA DE ALCANTARA
LISBOA

Séde para onde deve ser dirigida toda a correspondência:

PRAIA DO RIBATEJO—PORTUGAL
TELEFONE PRÁIA 4Escritórios—L. DO STEPHENS, 4-5—LISBOA
Telegrams: SNADEK—LISBOA Telefone: 2 1868